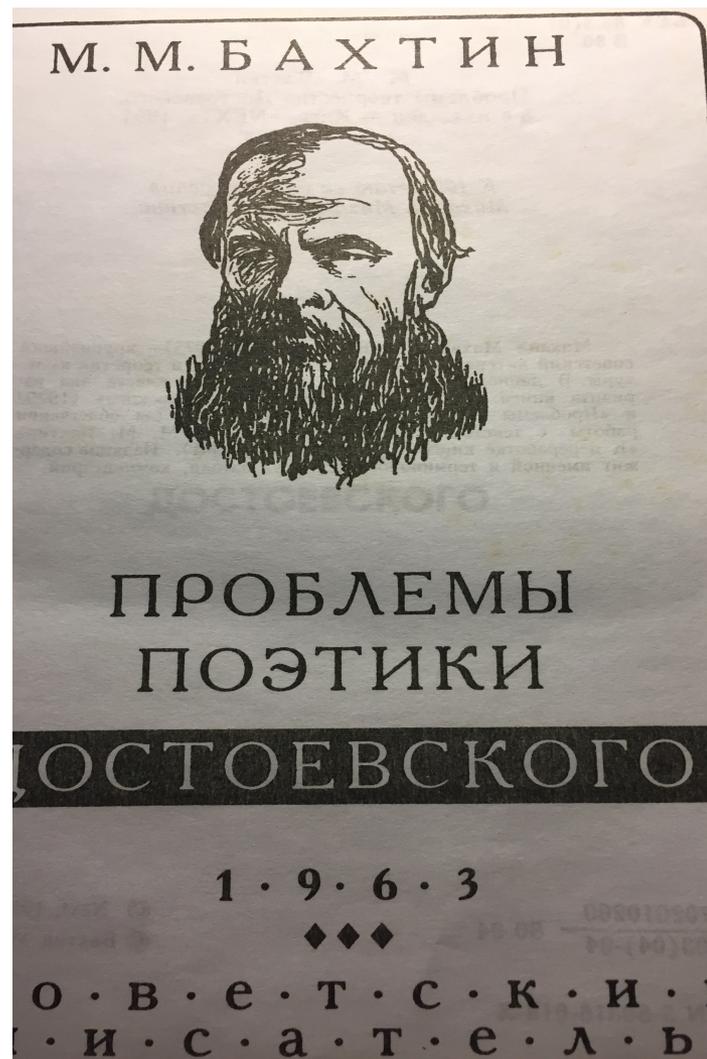
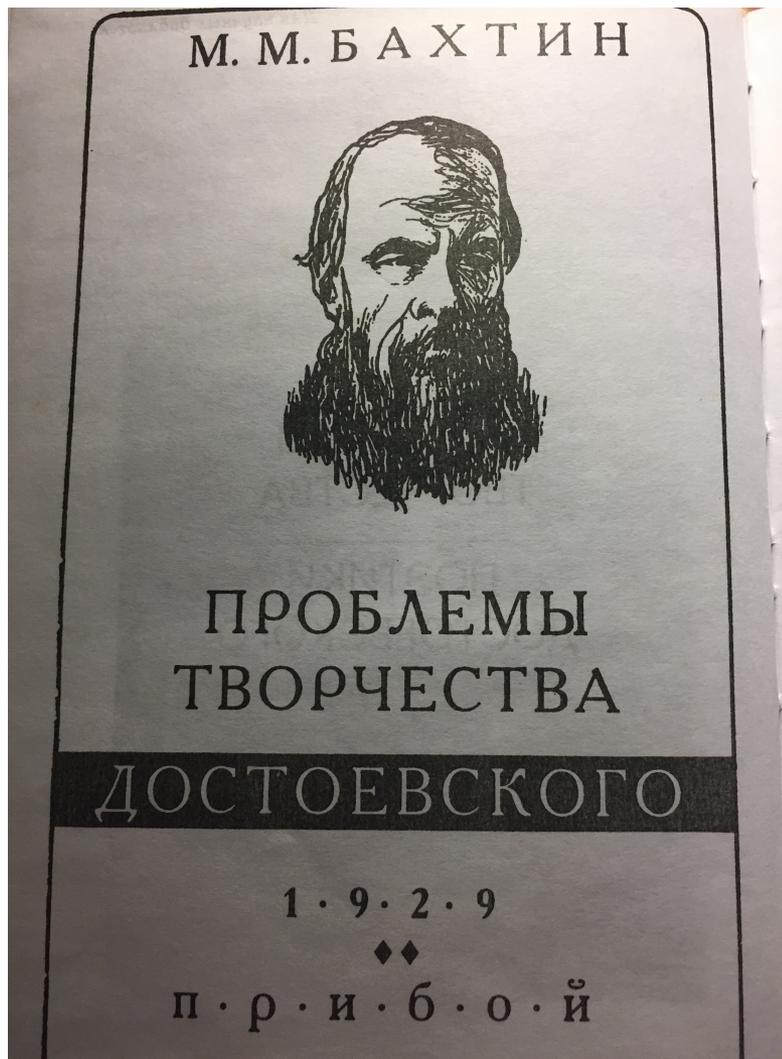


# Método sociológico, metalinguística e gênero

BAKHTIN, M. M. (2010[1963]) *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. P. Bezerra 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

# Problemas da criação artística de Dostoiévski (1929) vs Problemas da poética de Dostoiévski (1963)



- Poética (da palavra grega "ποιητική") é a teoria da poesia; uma ciência que estuda a atividade poética, sua origem, formas e significado - e mais amplamente, as leis da literatura em geral.

# As reflexões sobre Dostoiévski na Rússia

- As primeiras datam do século XIX — a partir do ponto de vista da estética (Belínsky, Dobroliúbov);
- **Aumento na década de 1920:**
- Tyniánov Yu.N. (o método formal) — “Dostoiévski e Gogol (sobre a teoria de paródia). Opoiáz, **1921**.
- B.M. Engelgardt. “Novela ideológica de Dostoiévski”: Artigo //F.M. Dostoiévski. Artigos e materiais: coletânea em 2 vol./ org. A.S. Dolínin. — Moscou-Leningrado, Ed. “Misl”, **1924**. — vol.2. — p. 69-105.
- L.P. Grossman “O caminho de Dostoiévski”. Petrograd, **1924**.
- **M.M. Bakhtin** “Problemas da criação artística de Dostoiévski”. Priboi, **1929**.
- V.F. Pereviérziev “As obras de Dostoiévski” — Moscou, Sovriemiénnyie probliémy, 1912. 3ra edição: Moscou, Gosizdát, **1928**. (estudos literários marxistas, ‘escola de pereviérziev’ 1920-1930).

- “Dostoiévski é o criador do romance polifônico. Criou um gênero romanesco essencialmente novo. Por isso sua obra não cabe em nenhum limite, não se subordina a nenhum dos esquemas histórico-literários que costumamos aplicar às manifestações do romance europeu” (op.cit., p.5).
- Desse modo, todos os elementos da estrutura do romance são profundamente singulares (*únicos, originais-MG*) em Dostoiévski; todos são determinados pela tarefa que só ele soube colocar e resolver em toda a sua amplitude e profundidade: a tarefa de construir um mundo polifônico e destruir as formas já constituídas do romance europeu, principalmente do romance monológico (homofônico) (op. cit., p. 6).

- “Consideramos Dostoiévski um dos maiores **inovadores** no campo da forma artística. Estamos convencidos de que ele criou **um tipo** inteiramente novo **de pensamento artístico**, a que chamamos convencionalmente de tipo *polifônico*. Esse tipo de pensamento artístico encontrou expressão nos romances dostoiévskianos, mas sua importância ultrapassa os limites da criação romanesca e abrange alguns **princípios básicos de estética europeia**. Pode se até dizer que Dostoiévski criou uma espécie de novo **modelo artístico do mundo**, no qual muitos momentos basilares da velha forma artística sofreram transformação radical. Descobrir essa inovação *fundamental* de Dostoiévski por meio da análise teórico-literária é o que constitui a **tarefa** do trabalho que oferecemos ao leitor” (Bakhtin 1963, Introdução).

# Conceitos-chave

- O dialogismo como forma de interação e intercomplementação entre as personagens literárias;
- O monologismo como pensamento único e por isso autoritário, seu desdobramento no processo de construção das personagens romanescas;
- A polifonia como método discursivo do universo aberto em formação;
- O autor e sua relação dialógica com as personagens;
- A relação eu—outro como fenômeno sociológico;
- O inacabamento/inconclusibilidade das personagens como visão do mundo em formação e do homem em formação;
- O ativismo especial do autor no romance polifônico

(Paulo Bezerra, Introdução)

# Perspectiva histórica no romance polifônico

(dialogando com Otto Kaus. Dostoewski und sein Schicksal. Berlin. 1923):

“As explicações de Kaus são corretas em muitos sentidos. De fato, o romance polifônico só pode realizar-se na época capitalista. Além do mais, ele encontrou o terreno mais propício justamente na Rússia, onde o capitalismo avançara de maneira quase desastrosa e deixara incólume a diversidade de mundos e grupos sociais, que não afrouxaram, como no Ocidente, seu isolamento individual no processo de avanço gradual do capitalismo. Aqui, a essência contraditória da vida social em formação, essência essa que não cabe nos limites da consciência monológica segura e calmamente contemplativa, devia manifestar-se de modo sobremaneira marcante, enquanto deveria ser especialmente plena e patente a individualidade dos mundos que haviam rompido o equilíbrio ideológico e se chocavam entre si. Criavam-se, com isso, as premissas objetivas da multiplanaridade essencial e da multiplicidade de vozes do romance polifônico” (op. cit., p. 21).

# Método sociológico

Universo social objetivo como a inspiração de Dostoiévski:

“A própria época tornou possível o romance polifônico. Dostoiévski foi subjetivamente um partícipe dessa contraditória multiplicidade de planos do seu tempo, mudou de estância, passou de uma a outra e nesse sentido os planos que existiam na vida social objetiva eram para ele etapas da sua trajetória vital e sua formação espiritual. <...> A categoria fundamental da visão artística de Dostoiévski não é a de formação, mas a de *coexistência* e *interação*” (op. cit., p. 30-31).

O Mundo de Dostoiévski no espaço e não no tempo. Sincronia. A forma dramática.

# Método sociológico

- “Ao contrário de Goethe, Dostoiévski procura captar as etapas propriamente ditas em sua *simultaneidade, confrontá-las e contrapô-las* dramaticamente, e não estendê-las numa série de formação. Para ele, interpretar o mundo implica pensar todos os seus conteúdos como simultâneos e *atinar-lhe as inter-relações em um corte temporal*” (op. cit., p.31).
- Ver tudo como coexistente.
- Dramatizar no espaço até as contradições do indivíduo (personagens duplas, encontros com o diabo, alter ego, caricatura).
- Cenas de massa.
- O princípio dramático da unidade do tempo.
- O dinamismo, rapidez catastrófica da ação.

# Romance polifônico

- A complexidade objetiva, o caráter contraditório e a polifonia da sua época;
- A condição de *raznotchinets* e peregrino social;
- A participação biográfica sumamente profunda e interna da multiplanaridade objetiva da vida;
- O dom de ver o mundo em interação e coexistência.

# Poética e polifonia

- “Já a unidade do romance de Dostoiévski está *acima* do estilo pessoal e *acima* do tom pessoal nos termos em que estes são entendidos pelo romance anterior a Dostoiévski. Do ponto de vista da concepção monológica da unidade do estilo (e por enquanto existe apenas essa concepção), o romance de Dostoiévski é *poliestilístico* ou sem estilo; do ponto de vista da concepção monológica do tom, é *polienfático* e *contraditório* em termos de valor; as ênfases contraditórias se cruzam em cada palavra de suas obras. <...> De fato, os elementos sumamente incompatíveis da matéria em Dostoiévski são distribuídos entre si por vários mundos e várias consciências plenivalentes, são dados não em uma, mas em várias perspectivas equivalentes e plenas; não é a matéria diretamente, mas esses mundos, essas consciências com seus horizontes que se combinam numa unidade superior de segunda ordem, por assim dizer, na unidade do romance polifônico. <...> Graças a essa *variedade de mundos*, a matéria pode desenvolver até o fim a sua *originalidade* e especificidade *sem romper a unidade do todo* nem mecanizá-la...” (Bakhtin dialogando com Grossman, op. cit. p. 15-16).

# Polifonia

- (Dialogando com Grossman) “Se Grossman relacionasse o princípio composicional de Dostoiévski — a **unificação das matérias mais heterogêneas** e mais incompatíveis — à **multiplicidade de centros-consciências** não reduzidos a um denominador ideológico, chegaria bem perto da chave artística dos romances dostoiévskianos — a polifonia” (op. cit., p. 17);
- (Dialogando com Komaróvitch) “A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem **independentes** e, como tais, **combinam-se** numa unidade de ordem superior à da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de **combinação de muitas vontades**, a vontade do **acontecimento**” (op. cit., p.23).

# Polifonia de Dostoiévski em comparação à Dante

- (dialogando com Engelhardt, op. cit., p.28-29) a proximidade com tragédia: **não há formação dialética** de um espírito do herói, **não há crescimento**;
- “Não ocorre, em cada romance, uma oposição dialeticamente superada entre muitas consciências que não se fundem em unidade do espírito em processo de formação, assim como não se fundem espíritos e almas no mundo formalmente polifônico de Dante. No melhor dos casos, como ocorre no universo de Dante, elas, **sem perder a individualidade** nem fundir-se mas **combinando-se**, poderiam formar uma figura estática, uma espécie de acontecimento estático <...> Nos limites do romance não se desenvolve, não se forma tampouco o espírito do **autor**; este, como no mundo de Dante, **contempla** ou se torna um dos **participantes**.
- Mas nem a própria criação artística de Dostoiévski pode ser compreendida globalmente como formação dialética do espírito, pois o caminho dessa criação é uma **evolução artística do seu romance** que, embora esteja relacionada com a evolução ideológica, não se dissolve nesta.

# Herói

- “...polemiza-se com os heróis, aprende-se com os heróis, tenta-se desenvolver suas concepções até fazê-las chegar a um sistema acabado. O herói tem competência (*autoridade-MG*) ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e não como objeto da visão artística final do autor. <...> o valor direto e pleno das palavras do herói **desfaz o plano monológico** e provoca **resposta imediata**, como se o herói não fosse objeto da palavra (*discurso-MG*) do autor, mas veículo de sua própria palavra (*próprio discurso-MG*), dotado de valor e poder plenos” (op. cit., p. 3).
- “Suas obras marcam o surgimento de um herói cuja voz se estrutura do mesmo modo como se estrutura a voz do próprio **autor** no romance comum. A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra (*discurso-MG*) comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor. Ela possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra (*discurso-MG*) do autor, **coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis**” (op. cit., p. 5).

# Herói – princípio de simultaneidade

- Tudo é simultâneo, tudo coexiste: “as suas personagens também não recordam nada, não têm biografia no sentido do ido e do plenamente vivido. Do seu passado recordam apenas aquilo que para elas continua sendo presente e é vivido com presente <...> Por isso nos seus romances não há causalidade, não há gênese, não há explicações do passado, das influências do meio, da educação, etc.” (op. cit., p.32-33).
- Dostoiévski “polemiza constantemente <...> com a teoria do meio <...> ele quase nunca apela para a história como tal e trata qualquer problema social e político no plano da atualidade” (op. cit., p.32-33).
- + amor pelos jornais

# Herói – ideia – gênero ‘romance ideológico’ vs polifônico

- (dialogando com Engelhardt)

definição sociológica e ideológico-cultural do herói em Dostoiévski: “O herói dostoievskiano, intelectual *raznotchínietz* (intelectual que não pertencia à nobreza na Rússia dos séculos XVIII e XIX) que se desligou da tradição cultural, do solo e da terra, é o porta-voz de um ‘povo fortuito’. Ele contrai relações especiais com uma ideia: é indefeso diante dela e ante o seu poder, pois não criou raízes na existência e carece de tradição cultural. Converte-se em ‘homem de ideia’, obcecado (*obcecado - MG*) pela ideia. Nele a ideia se converte em ideia-força, que prepotentemente lhe determina e lhe deforma a consciência e a vida. A ideia leva uma vida autônoma na consciência do herói: não é propriamente ele que vive, mas ela, a ideia, e o romancista não apresenta uma biografia do herói, mas uma biografia da ideia neste; o historiador do ‘povo fortuito’ se torna ‘historiógrafo da ideia’. Por isso a característica metafórica dominante do herói é a ideia que o domina ao invés do dominante biográfico de tipo comum (como em Tolstói e Turguiéniev, por exemplo). Daí a definição, pelo gênero, do romance de Dostoiévski como ‘romance ideológico’”. (op. cit., p.24)

\* Não tem a ‘ideia em si’ no sentido platônico, ele encontra ‘o homem no homem’ e não ideias no homem. Simultaneidade, interação com outras consciências (op. cit., p. 35).

# Autor e a polifonia das vozes

- “Ao tomarmos conhecimento da vasta literatura sobre Dostoiévski, temos a impressão de tratar-se *não de um* autor e artista, que escrevia romances e novelas, mas de toda uma série de discursos filosóficos de *vários* autores e pensadores: Raskólnikov, Míchkin, Stavróguin, Ivan Karamázov, o Grande Inquisidor e outros. Para o pensamento crítico-literário, a obra de Dostoiévski se decompôs em várias teorias filosóficas autônomas mutuamente contraditórias, que são defendidas pelos heróis dostoiievskianos. Entre elas, as concepções filosóficas do próprio autor nem de longe figuram em primeiro lugar. Para alguns pesquisadores, a voz de Dostoiévski se confunde com a voz desses e daqueles heróis, para outros, é uma síntese peculiar de todas essas vozes ideológicas, para terceiros, aquela é simplesmente abafada por estas” (op. cit. p. 3, início de Capítulo 1).

# Autor e a polifonia das vozes

- “A originalidade de Dostoiévski não reside no fato de ter ele proclamado monologicamente o valor da individualidade (outros já o haviam feito antes), mas em ter sido capaz de vê-lo em termos objetivo-artísticos e mostrá-lo como **o outro**, como a individualidade do outro, sem torná-la lírica, **sem fundir** com ela a sua voz e ao mesmo tempo **sem reduzi-la** a uma realidade psíquica objetificada. A alta apreciação do indivíduo não aparece pela primeira vez na cosmovisão de Dostoiévski, mas a imagem artística da individualidade do outro (se adotarmos esse termo de Askóldov) e muitas **individualidades imiscíveis**, reunidas na unidade de um certo acontecimento espiritual, foram plenamente realizadas pela primeira vez em seus romances.” (ponto de vista de Bakhtin +Askoldov, op. cit. p. 12)

# Dialogismo

- “...o romance de Dostoiévski é dialógico. Não se consrói como o todo (*a unidade-MG*) de uma consciência que assumiu, em forma objetificada, outras consciências, mas como o todo (*a unidade-MG*) da **interação** entre várias consciências, dentre as quais nenhuma se converteu definitivamente em objeto da outra. Essa interação não dá ao contemplador a base para a objetivação de todo um evento segundo o tipo monológico comum (em termos de enredo, líricos ou cognitivos), mas faz dele um **participante**. <...> Com isso conquista-se uma nova posição do autor, que está acima da posição monológica” (op. cit., p.18-19).
- “As relações dialógicas — fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente — são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (op. cit., p.47).

# Dialogismo

- “Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo. Apenas as relações puramente *mecânicas* não são dialógicas, e Dostoiévski negava-lhes categoricamente importância para a compreensão e a interpretação da vida e dos atos do homem (sua luta contra o materialismo mecanicista, o fisiologismo em moda e Claude Bernard, contra a teoria do meio, etc.) Por isso todas as relações entre as partes externas e internas e os elementos do romance têm nele caráter dialógico; ele construiu o todo romanesco como um ‘grande diálogo’. No interior desse ‘grande diálogo’ ecoam, iluminando-o e condensando-o, os diálogos composicionalmente expressos das personagens; por último, o diálogo adentra o interior, cada palavra do romance, tornando-o bivocal, penetrando em cada gesto, em cada movimento mímico da face do herói, tornando-o intermitente e convulso; isso já é o ‘microdiálogo’, que determina as particularidades do estilo literário de Dostoiévski” (op. cit., p.47).

# Dialogismo

- “Ao transpor da linguagem da teoria musical para a linguagem da poética a tese de Glinka, segundo a qual tudo na vida é contraponto, pode-se dizer que, para Dostoiévski, *tudo na vida é diálogo*, ou seja, *contraposição dialógica*. De fato, de ponto de vista de uma estética filosófica, as relações de contraponto na música são mera variedade musical das *relações dialógicas* entendidas em termos amplos” (op. cit., p.49).